



Reprodução

Igualzinho ao que a gente vê hoje na tevê

A *Rádio Nacional* possibilitou a integração entre as regiões, as culturas, os sotaques, os ritmos etc. Foi a primeira vez que o Brasil se ouviu. Através das ondas curtas da Rádio foi possível fazer com que as pessoas lá na Amazônia, por exemplo, soubessem o que se passava no Rio de Janeiro (Distrito Federal), a então capital da República.

Os principais momentos da emissora são contados em ordem cronológica no livro, patrocinado



Paulo Cezar Guimarães

Cláudia Pinheiro: "Acompanhei de perto a revitalização"

pela Petrobras e publicado pela Nova Fronteira, "A Rádio Nacional". Segundo Cláudia Pinheiro, organizadora do livro, o assunto surgiu entre outros temas relacionados em projetos junto à editora. "A gente sempre faz uma relação do que está chegando aos 70 anos, 100 anos. E eu acompanhei muito de perto esse processo de revitalização junto do Cristiano Menezes – gerente de Produção da Emissora, com quem é casada - os planos e a ascensão dele", conta.

Cláudia diz, também, que tem loucura por documentos históricos e possui um arquivo em casa com muito material que herdou do pai, também pesquisador. Além do arquivo pessoal, também passou dias pesquisando na Biblioteca Nacional e nos arquivos de Norma Tapajós, viúva de Paulo Tapajós. Segundo ela, tinha tanto conteúdo que a maior dificuldade foi escolher exatamente que material utilizar para não faltar ninguém ou nenhum fato relevante.

Um dos momentos muito importantes - e muito doloroso para a *Rádio*, segundo as pesquisas - foi quando o apresentador César de Alencar, com o objetivo de ser o diretor da Emissora, denunciou todos os colegas, à época considerados "subversivos" - como Mário Lago e Gerdal dos Santos. Há também a histórica rixa de Emilinha Borba (morta em outubro de 2005, aos 82 anos, de infarto) e Marlene, que recentemente afirmaram ser estratégia de *marketing* e que sempre foram muito amigas

nos bastidores. Mas, segundo alguns integrantes dos fãs-clubes das duas, elas implicavam mesmo uma com a outra.

O livro não pretende ser opinativo e analítico. "Não é uma obra acadêmica. Quis organizar a história de forma cronológica para que o leitor tire suas próprias conclusões. Não é teórico e sim iconográfico", afirma. Cláudia faz uma observação interessante: "tudo o que se vê hoje na tevê foi influenciado pelos progra-

mas da *Rádio Nacional*. Os programas de auditório, as novelas, os programas humorísticos, a forma com que o apresentador fala com o público. Não há nada que é feito na tevê que não tenha sido referência em algum programa de rádio". E acrescenta: "Quando a televisão entrou, o modelo que eles tinham era o do rádio. O caminho percorrido é o mesmo, só que mais aprimorado. 'Gente que brilha', 'Você Decide', 'Linha Direta', todas os programas vieram do rádio, as idéias, as matrizes".

Fascinada pela história da *Rádio Nacional*, Cláudia mostrou um CD com trechos de vários programas, vinhetas e novelas. Entre eles, o *PRK-30*, referência do humor brasileiro. Muitas pessoas o confundiam com a programação normal da *Rádio Nacional*. Mas na verdade era um programa que simulava uma emissora clandestina; como se fosse uma emissora que fazia sátiras dos programas da própria rádio. Comandada por Lauro Borges e Castro Barbosa, simulavam os padrões de locução da época, as novelas que estavam no ar, a locução esportiva. Cláudia acompanhou se divertindo como se ouvisse pela primeira vez.

O livro "Rádio Nacional – alguns momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional", que demorou aproximadamente dois anos para ser concluído, foi lançado no dia 2 de dezembro de 2005, quando o programa *Época de Ouro* recebeu, em um show histórico, a cantora e atriz de cinema e televisão Adelaide Chiozzo.



Pega a Revista do Rádio e começa a se abanar

Abrindo as cortinas do passado, ressurge esta que foi uma das principais revistas de todos os tempos: a *Revista do Rádio*. Lançada em fevereiro de 1948, por Anselmo Domingos, custava três cruzeiros e foi sucesso imediato. Em 1949 vendia 50 mil exemplares e em 1950, tornou-se semanal. Durante 22 anos, a Revista foi um marco na vida dos rádioatores.



Tema de livro cultural

Normalmente com 50 páginas, seu conteúdo era dedicado totalmente a assuntos referentes ao rádio. A sua publicação foi possível graças a um banqueiro que proporcionou o seu financiamento. Entre as seções, destaque para "Mexericos da Candinha", que acabou virando sinônimo de fofoqueira e inspiração para uma música do cantor Roberto Carlos. Tudo era motivo para fofoca: o preço de um vestido comprado por uma cantora, a suspeita da infidelidade conjugal de algum artista ou a apatia de uma atriz.

O jornalista e crítico musical Rodrigo Faour escreveu um livro que conta a trajetória da publicação desde da origem do rádio até o seu tempo de decadência, quando a televisão tomou conta do País. Segundo Faour a *Revista do Rádio* retratava a moral e os bons costumes da época dourada do rádio: "a *Revista do Rádio* era como se fosse a *Caras* da época. Como as pessoas não viam os rostos dos artistas no rádio, elas compravam a revista para ver o seu perfil", conta.

Houve um tempo em que famílias inteiras ficavam diante do rádio para ouvir músicas, informações e novelas. A *Revista do Rádio* veio exatamente para isso: tirar do imaginário e ser possível para inúmeros leitores conhecer o mundo encantado dos maiores artistas do Brasil.